

SOBRE A TEORIA DA PARTICIPAÇÃO DAS FORMAS NO *SOFISTA* DE PLATÃO

ELIANE CHRISTINA DE SOUZA

O objetivo desta apresentação é fazer algumas observações sobre a teoria da participação das formas exposta no *Sofista* de Platão, abordando especificamente como esta teoria procura resolver o problema da predicação. Neste diálogo, a possibilidade do discurso predicativo é ameaçada por um argumento conhecido como “argumento de Antístenes”, segundo o qual é impossível pregar, já que a predicação implica na identificação de duas coisas diferentes. Esta ameaça ao discurso predicativo é, na verdade, uma ameaça à própria possibilidade do discurso filosófico, visto que ela representa um dos pólos de um confronto entre filosofia e sofística com relação ao uso do discurso.

Para Platão, o discurso tem a função de transmissão do ser. E é sobre esta concepção de discurso, herdada de Parmênides, que se apoia a dialética. No *Sofista*, a dialética é representada pela *diaíresis*, método de definição que busca os gêneros em que cada coisa está incluída, apresentando suas determinações essenciais. Portanto, a possibilidade de transmitir as determinações essenciais dos seres através do discurso está na base de uma concepção de discurso filosófico.

Em contraposição a esta concepção de discurso, os sofistas apresentam uma outra, fundamentada na impossibilidade da transmissão discursiva

Eliane Christina de Souza é mestranda em Filosofia na Universidade de São Paulo.

do ser¹. O discurso teria então uma relação convencional com os seres e seu valor estaria em sua finalidade prática de convencimento. Entendido desta maneira, o discurso é orientado somente para o domínio das relações humanas, transformando raciocínios piores em melhores, e não verdadeiros em falsos, como afirma a personagem Protágoras no diálogo *Teeteto*².

O argumento de Antístenes contra o discurso predicativo vem apoiar este pólo do confronto, ao levar à conclusão de que o discurso informativo sobre o ser é impossível. Uma exploração deste argumento será então necessária, a fim de responder a duas questões: por que ele pode ser formulado e como a teoria da participação das formas resolve o problema colocado por ele.

Vamos ver com mais detalhe a exposição do argumento feita pelo Estrangeiro de Eléia no *Sofista*. Segundo o Estrangeiro, quando falamos 'homem' designamos, com a mesma palavra, muitas coisas, atribuindo vários predicados ao homem. Nós não dizemos apenas que o homem é homem, mas que é bom, corajoso, sábio, que possui cores e formas, e muitas outras coisas. Mas certamente, lembra o Estrangeiro, haverá aqueles que formularão uma objeção contra o que foi dito, alegando que é impossível uma coisa ser muitas e muitas serem uma. Não é possível, pois, dizer que o homem é bom, mas apenas que o homem é homem.

Atribuir um predicado a uma coisa é, de certo modo, dizer que ela é aquilo que ela não é. E dizer de uma coisa o que ela não é corresponde a dizer uma falsidade. Portanto, só será verdadeiro aquele enunciado que afirma, de uma coisa, sua identidade consigo mesma. O que o argumento de Antístenes põe em jogo é a própria estrutura atributiva da linguagem. Se aceitarmos a objeção de Antístenes, não resta alternativa para o discurso: se é verdadeiro, é uma tautologia; se pretende escapar de ser tautológico, é falso. Nos dois casos, o discurso não informa nada sobre o ser daquilo que lhe serve de tema.

Já que o discurso não pode informar nada sobre o ser de uma coisa, não há possibilidade de transmissão discursiva do conhecimento, pois não há como dizer verdades que informem algo sobre o ser. Se o conhecimento não pode ser transmitido discursivamente, o domínio do discurso está limitado à prática, à persuasão com relação ao que parece ser o melhor para a maioria. O discurso não é um *falar de*, mas um *falar para*.

Como Platão constata no *Sofista*, o argumento de Antístenes repousa sobre a concepção de ser de Parmênides. Será interessante, então, verificar, no poema de Parmênides, alguns elementos que esclareçam esta estranha aliança entre o eleatismo e a sofística contra a possibilidade de discurso

sobre o ser. No fragmento II do poema, Parmênides diz que só há dois caminhos de investigação que se pode conceber: é e não é. Estes dois caminhos se apresentam ao pensamento como absolutamente separados. Isto revela, em Parmênides, um princípio de não-contradição que podemos dizer “forte”. Os dois caminhos não são apenas exaustivos, mas mutuamente excludentes.

A mútua exclusão dos dois caminhos fica patente na própria maneira como Parmênides enuncia os caminhos, acrescentando a cada um uma proposição modal: é, e não é possível que não seja; não é, e é necessário que não seja. A proposição modal do primeiro caminho – não é possível que não seja – exclui o enunciado inicial do segundo – não é. A proposição modal do segundo caminho – é necessário que não seja –, por sua vez, exclui o enunciado inicial do primeiro – é. Portanto, se adotarmos o primeiro caminho, devemos abandonar o segundo e, conversamente, se tomamos o segundo caminho, devemos abandonar o primeiro. E como estes caminhos são as duas únicas vias possíveis de pensamento, não se pode recusar os dois nem pensar em um terceiro. Impõe-se então uma escolha: é ou não é. É necessário escolher um dos caminhos e rejeitar o outro.

Não é difícil, para Parmênides, fazer esta escolha. Ela é determinada com base na impermeabilidade da via negativa ao conhecimento. O ‘não é’ é um caminho que se apresenta ao pensamento, mas quando vamos investigá-lo, encontramos um caminho vazio, do qual não há conhecimento possível. E a impossibilidade de conhecimento do não-ser encontra sua justificativa no fragmento III, que diz “*pois é o mesmo pensar e ser*”. Ou seja, só o que é pode ser pensado. O ser é o único objeto do pensamento e, conseqüentemente, do discurso. Assim, pensar e dizer são sempre pensar e dizer o ser. A afirmação de que o pensamento é sempre pensamento do ser é introduzida no poema como um princípio. E, a partir deste princípio, justifica-se a exclusão do não-ser do pensamento e do discurso e, conseqüentemente, a escolha do ser como única via possível de verdade e conhecimento. Este isolamento do ser e a completa impossibilidade de relação entre ser e não-ser leva Parmênides a deduzir os predicados necessários do ser, entre os quais estão a unidade, a indivisibilidade, a imobilidade, a homogeneidade, a total identidade consigo mesmo.

Este esboço esquemático da ontologia de Parmênides nos permite apontar seus dois fundamentos: o princípio de não-contradição que podemos chamar de “forte”, que separa completamente ser e não-ser, e o princípio de que o ser é o único objeto de pensamento e discurso. O primeiro estabelece que só há dois caminhos de investigação e que um deve ser

escolhido em detrimento do outro. O segundo determina qual o caminho a ser escolhido.

Platão, no entanto, mostra que estes dois fundamentos são incompatíveis entre si. Se o discurso diz o ser, não é possível que haja separação absoluta entre ser e não-ser. Se o discurso informa algo sobre o ser, se ele é mais do que uma tautologia, deve ser possível, de algum modo, dizer que uma coisa é aquilo que ela não é. Para salvar o princípio da discursividade do ser, sobre o qual repousa a concepção de discurso filosófico, Platão se vê obrigado a recusar o princípio de não-contradição radical de Parmênides e, conseqüentemente, a ontologia eleata, que parte deste princípio. Tendo em vista as exigências do discurso sobre o ser, uma nova ontologia é formulada para dar suporte teórico a ele.

A primeira destas exigências é que a predicação não seja entendida como uma identificação total entre os dois termos do enunciado. Dizer, por exemplo, que o homem é racional, não significa dizer que 'homem' é completamente idêntico a 'racional'. Homem e racional são coisas distintas. Mas são coisas distintas que estão em uma certa relação. Se houver separação total entre o tema de um enunciado predicativo e o que é dito dele, não há como fazer legitimamente uma predicação.

Um enunciado que diz algo de algo não envolve nem identidade absoluta nem diferença absoluta entre os dois termos. Eles estão em uma relação que Platão chama de participação. O enunciado 'o homem é racional' afirma a participação do homem na racionalidade.

E o que significa esta relação de participação? De que maneira ela se traduz em predicação? Com certeza, a resposta não é evidente no *Sofista*, devido talvez à concisão com que Platão constrói o texto. No entanto, algumas sutilezas podem nos ajudar a encontrar esta resposta, como ocorre, por exemplo, na passagem na qual o argumento de Antístenes é formulado.

Segundo as palavras do Estrangeiro de Eléia, nós dizemos 'homem', aplicando a ele uma multiplicidade de coisas: cores, formas, grandezas, vícios ou virtudes. Não será difícil perceber que, para Platão, a palavra 'homem' é o nome de um ser constituído de muitas coisas, de muitos predicados. Um predicado, portanto, revela uma parte da constituição do ser de algo, ou seja, indica uma forma de que este algo participa. Podemos dizer, então, que a determinação própria de um ser é resultado de suas relações de participação em outros seres, relações estas que se traduzem discursivamente como predicação.

Estas relações de participação são possibilitadas por algumas formas, cuja função Platão compara à função das vogais na formação

de palavras – o ser, o mesmo e o outro. Estas formas são como um amálgama que une as outras formas assim como as vogais são o elo de ligação das consoantes. O estabelecimento destas três “formas-vogais” resulta da constatação de que o ser, tomado isoladamente, não é suficiente para dar fundamento ao discurso predicativo. Dizer que ‘A é’ implica em uma participação de A no ser. Mas o ser, aqui, não pode corresponder ao ser de Parmênides, em relação apenas consigo mesmo. A participação no ser envolve, de algum modo, a participação no mesmo e no outro. Para compreender a participação é necessário, portanto, compreender o que significa a participação no mesmo e a participação no outro. Segundo as exigências do discurso predicativo, a participação no mesmo deve resultar.

A identidade relativa entre algo e aquilo que é dito deste algo é condição necessária da predicação. Mas, no entanto, não é sua condição suficiente. E isto é ilustrado com mais detalhes na aporia apresentada por Platão na seção final do diálogo Parmênides. O exercício dialético que a personagem Parmênides desenvolve ali revela que se uma forma, por exemplo o uno, é considerada isoladamente, sem participação no ser, ela não admite nenhum predicado e nada pode ser sobre ela. Entretanto, se o uno é considerado como participante do ser, ele admite predicados, mas admite todos os predicados, até mesmo os contraditórios. No primeiro caso, não há nenhuma participação possível do uno em nenhuma outra forma e, portanto, nenhum discurso sobre o ser do uno. No segundo caso, o uno participa de tudo e todos os enunciados são possíveis.

Poder-se-ia concluir, a partir deste argumento, que a participação no ser não garantiria a possibilidade do discurso sobre o ser, já que não permite determinar quais são os predicados de uma coisa. Se participar do ser equivale a participar indistintamente em todas as formas, todas as coisas que participam do ser possuem todos os predicados e a predicação é incapaz de dizer o que cada coisa é em sua especificidade.

No *Sofista*, Platão soluciona esta dificuldade oferecendo uma terceira opção às duas apresentadas pela personagem Parmênides: as formas participam de algumas formas e não participam de outras. A participação no ser não implica, portanto, em uma participação universal. Deve haver algo que determine quais as formas de que um ser não participa. Para isto, Platão introduz o outro como uma forma mediadora da participação.

O outro representa não apenas uma diferença externa, que permite a distinção entre os dois seres representados pelos termos de uma predicação. O discurso predicativo exige também uma diferença interna, constitutiva de

cada coisa. A diferença deve determinar os limites do ser de algo. Por exemplo, se dizemos que uma coisa é grande, não podemos dizer, nas mesmas circunstâncias, que ela é não-grande. Não-grande indica os predicados que, segundo Platão, estão em contraste com 'grande', no caso, 'pequeno' e 'igual em tamanho'. Se uma coisa é grande, se grande é um constituinte do seu ser, ela não é pequena, e o não ser pequeno também é constituinte do seu ser. Uma coisa só pode ser determinada por um predicado se os predicados que estão em contraste com ele podem ser negados.

Assim, se o discurso predicativo informa algo sobre uma coisa, ele o faz na medida em que informa tanto o que a coisa é quanto o que a coisa não é. O enunciado 'Sócrates não é belo' informa tanto sobre Sócrates quanto o enunciado 'Sócrates é corajoso'. O ser de uma coisa, além de ser constituído positivamente, é também constituído negativamente. O não-ser, entendido como diferença, define os limites do ser de cada coisa e, conseqüentemente, define os limites do que pode ser afirmado sobre ela.

Utilizando a terminologia de Platão, a participação no ser envolve participação no mesmo e no outro. A mesmidade media a participação em certas formas e a alteridade permite a não participação em outras. Em outras palavras, o que uma coisa é absolutamente se constitui por suas relações de mesmidade com as formas das quais participa e de alteridade com as formas das quais não participa.

Portanto, Platão propõe uma ontologia na qual ser e não-ser deixam de ser excludentes. Ao contrário, o não-ser passa a ser um constituinte do ser de cada coisa. O princípio de não-contradição eleata é, de certo modo, reformulado por Platão: o não-ser não é o contrário do ser; é um ser outro que está em contraste com o ser. Não se trata mais de escolher entre é ou não é, mas de afirmar, ao mesmo tempo, que cada coisa é e não é. Apenas sob esta condição, o discurso predicativo pode transmitir o ser e legitimar a dialética como um método de conhecimento.

Como uma observação final, deve-se notar que a compreensão da predicação como identidade relativa não é uma unanimidade entre os intérpretes de Platão. Na verdade, na passagem do *Sofista* que trata da participação das formas, não há uma formulação explícita do que é o discurso predicativo. A argumentação de Platão, na seção que trata da participação das formas, é bastante concisa e está mais voltada à questão de estabelecer o entrelaçamento entre ser e não-ser no plano ontológico.

O estilo econômico de Platão nesta seção do diálogo parece indicar que Platão pretende fornecer os instrumentos para a solução de várias questões,

entre elas a da predicação, mas sem tratar especificamente de cada uma. É como se o problema da predicação já tivesse sido suficientemente discutido, não só no *Sofista*, mas também em outros diálogos, como é o caso do Parmênides, para permitir uma resposta abreviada. Portanto, seria legítimo buscar os detalhes da solução na formulação do problema.

O problema da predicação, do modo como é formulado, exige que se admita uma identidade relativa entre os termos da predicação. O fundamento ontológico para a identidade relativa se encontraria na forma da mesmidade, do mesmo modo como o fundamento ontológico para a diferença relativa se encontra na forma da alteridade.

Concluindo, a predicação é a faceta discursiva da participação entre as formas. Dizer que A é B significa dizer que A participa de B.

A participação é uma relação mediada pelas formas ser, mesmo e outro. Ao participar do ser, uma coisa é no sentido absoluto, ou seja, é *αὐτό καθ' αὐτό*. E o que uma coisa é no sentido absoluto é aquilo que ela é relativamente e aquilo que ela não é relativamente. Portanto, o ser deixa de ser entendido como o ser isolado de Parmênides, como a identidade absoluta consigo mesmo, já que esta concepção de ser tem como corolário o argumento de Antístenes. O ser passa a ser pensado como constituído de identidade e diferença. Deste modo, o discurso informa algo, diz o ser das coisas. E isto é, para Platão, condição de possibilidade do discurso filosófico.

NOTAS

1. Lembremos aqui das 3 teses de Górgias: nada é; mesmo se algo fosse, seria inapreensível; mesmo se algo fosse apreensível, seria incomunicável.

2. in 166d-167d.

BIBLIOGRAFIA

- PLATÃO. *Sofista*. Parmênides, Teeteto.
- PARMÊNIDES. Fragmentos do poema
Da Natureza
- GÓRGIAS. *Tratado Sobre o Não-Ser*. citado por Sexto Empírico no Tratado *Contra os Matemáticos*.
- AUBENQUE, PIERRE (dir.). *Études sur Parménide*. Volumes 1 e 2. Paris, Vrin, 1987.
- _____ *Le Problème de l'Être chez Aristote*. Paris, P.U.F., 1962.
- BROCHARD, VICTOR. *La Théorie Platonicienne de la Participation*, in _____, *Études de Philosophie Ancienne et de Philosophie Moderne*. Paris, Vrin, 1926.
- DENYER, Nicholas. 1991. *Language, Thought and Falsehood in Ancient Greek Philosophy*. New York, Routledge.
- DIXSAUT, MONIQUE. *Le Naturel Philosophe: Essai sur les Dialogues de Platon*. Paris, Vrin, 1994.
- PELLETIER, F. J. *Parmenides, Plato and the semantics of not-being*. The University Chicago Press, 1990.
- SANTOS, LUIZ HENRIQUE LOPES. *A Essência da Proposição e a Essência do Mundo*. In WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo, Edusp, 1993.
- SCOLNICOV, SAMUEL. *Le Parricide Déguisé: Platon Contre l'Anti-platonisme Parménidien*, in DIXSAUT, MONIQUE (org.), *Contre Platon*, Tomo II. Paris, Vrin, 1995.